



## Luc Adolphe

### « Desertos habitados »

Desde o início dos tempos, os desertos sempre foram ocupados e percorridos pelo Homem, apesar dos fortes condicionalismos naturais e climáticos que aí prevalecem.

O Saara é uma das primeiras regiões de povoamento do mundo.

Foi o berço de uma civilização de nômades e agricultores que ali se instalaram ou se refugiaram, uma civilização que está desaparecendo com o aquecimento global e seu corolário, a desertificação.

O arquétipo do deserto é o erg, coberto de areia a perder de vista em dunas majestosas e móveis, desprovido de vegetação, permanentemente exposto a um sol escaldante, luminosidade deslumbrante e varrido por ventos violentos.

A lei da terra não existe no deserto, é a lei da água que dita as práticas sociais e os rituais lá. Riqueza é água. Graças a ela, o Homem conseguiu ali criar ilhas de verdura, oásis e palmeirais que simbolizam a sua riqueza, e não muito longe dali, a aldeia tradicional, o ksar. A vida se instalou nesses bolsões humanos longe de nossas civilizações globalizadas.

O deserto ainda é habitado por povos livres e modestos, que encontram cada vez mais dificuldade em preservar ali sua identidade cultural.

O deserto é, sem dúvida, a melhor forma de perder o rumo do espaço e do tempo, para

redescobrir as virtudes do silêncio e da contemplação. Indefiníveis por natureza e muitas vezes referidos no singular, quando existem tantas versões: dunas, rochas, gelo, sal... desertos frios, desertos quentes. O deserto é um lugar onde você tem que perder tempo, um lugar que tem que ser conquistado. Não podemos estar em performance ou virtuosismo.

Esta série retrata a relação estreita e respeitosa entre o Homem e a Natureza, num ambiente inerentemente tão hostil à mais ínfima forma de vida.

Exposição “Deserto habitado”, Médiathèque Sourbié, Lauzerte, março-abril de 2007.